



A Educação Artística como Forma de Comunicação em Tempo de Pandemia: as Representações das Crianças sobre a COVID-19

Artistic Education as a Form of Communication in a Pandemic Time: Children's Representations about COVID-19

Revista Portuguesa de Educação Artística,
Volume 10, N.º 1, 2020
DOI: 10.34639/rpea.v10i1148
<https://rpea.madeira.gov.pt>

Mónica Oliveira

I2ADS – Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade da FBAUP
Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti
Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano
Universidade Católica Portuguesa
monica@esepf.pt

RESUMO

Este artigo resulta de um projeto de investigação que teve como objetivo conhecer e compreender as perceções das crianças em idade pré-escolar sobre a Covid-19. Para tal foi implementado um projeto que pretendeu dar voz às crianças através da educação artística.

Este trabalho privilegiou uma investigação qualitativa, que envolve uma abordagem naturalista e interpretativa, onde se utilizou como recolha de dados a observação participante e as narrativas visuais das crianças. Os resultados demonstraram que as crianças têm consciência e conhecimento sobre a pandemia e as suas consequências. De salientar o interesse das crianças em tornarem-se agentes transformadores na comunidade em que vivem, apresentando soluções inovadoras e contribuindo para ajudar a solucionar a Covid-19.

Palavras-chave: Educação artística; Covid-19; Educação Pré-escolar; a voz das crianças

ABSTRACT

This article is the result of research project that aimed to know and understand the perceptions of pre-school children about Covid-19. To this end, a project was implemented that aimed, through artistic education, to give children a voice.

This work privileged a qualitative investigation that involves a naturalistic and interpretive approach, where the participant observation and the visual narratives of the children were used as data collection. The results showed that children are aware and knowledgeable about the pandemic and its consequences. Of note is the interest of children in becoming transforming agents in the community in which they live, presenting innovative solutions contributing to help solve Covid-19.

Keywords: Art education; Covid-19; Pre-school education; children's voice

1. A Educação Artística para uma Pedagogia Transformadora

Vivemos atualmente à escala planetária num tempo de incerteza que condicionou a nossa vida sob a forma de uma pandemia. Tivemos de adiar o nosso presente, vimos o nosso futuro hipotecado, as nossas vidas ficaram acorrentadas a um conjunto de condicionantes que não dependem apenas de cada indivíduo, mas de todos em simultâneo. Este é o tempo em que tentamos (sobre)viver, aprendendo novas formas de estar na sociedade, tendo a arte assumido um papel fundamental, sobretudo durante os períodos de quarentena, estreitando a relação entre as pessoas, contribuindo para o bem-estar de todos e para o aumento da solidariedade e da resiliência, tendo sempre por base uma mensagem de paz e esperança. A Covid-19 evidenciou a importância e a pertinência da arte nas várias esferas da vida humana e social, não só como forma de entretenimento e de cultura, mas disseminando uma mensagem social importante que visou a consciencialização da população para a proteção contra o vírus, bem como se tornou uma forma de encorajamento e reconhecimento no combate à pandemia. Prova disso foram as várias atividades artísticas que foram acontecendo por todo o mundo, durante o confinamento: ouvimos cantar e tocar nas varandas, nos terraços assistimos a momentos de artes circenses, vimos dançar nos telhados, tendo sempre como cenário ruas despidas de gente e de vida. No mundo virtual da

internet multiplicaram-se visitas a exposições, assistimos a recitais de poesia, a concertos, a performances de artistas nacionais e internacionais. Propostas que se apresentaram ora orientadas para uma atividade de socialização, na medida em que fornecem informação sobre o mundo, sobre os valores culturais e sobre padrões de comportamento, ora orientadas para o desenvolvimento criativo, promovendo a (re)construção de significados e novos modos de perspetivar a realidade (Leontiev, 2000). O atual pensamento artístico é o resultado da leitura e dos contágios que o artista tem do mundo que habita. Não lhe sendo indiferente a sociedade em que vive, ele reporta através de diferentes linguagens uma pluralidade de imaginários, que advêm do que mais o influencia, por meio de um vocabulário iconográfico ampliado, da diversidade de técnicas e diferentes vertentes artísticas que se cruzam e se traduzem numa ampla diversidade de manifestações artísticas. “Destá feita, a arte apresenta uma destilação de inúmeras visões do mundo e cosmologias, com implicações conceptuais e epistemológicas.” (Marisa, 2020, p.8)

Ora, sendo a arte um veículo de comunicação por excelência, “pressupõe uma interação por parte de quem a observa, necessita que o espectador participe para que se complete.” (Oliveira, 2016, p.4). E é neste contexto que a educação artística é fundamental para assegurar uma alfabetização visual, uma reflexão sobre as problemáticas atuais, uma leitura reflexiva das imagens que produzem alterações na educação do gosto estético e cultural.

Pensar hoje a educação artística é ir ao encontro do desenvolvimento da literacia visual, do-

tando os cidadãos das ferramentas necessárias para que se sintam aptos a fruir as obras de arte, (des)construindo o passado, analisando e refletindo sobre as inquietações do presente e projetá-las no futuro.

Pensar a educação artística, em tempo de pandemia, é aproveitar uma janela de oportunidades, que seria um desperdício não rendibilizar, numa educação que se quer emancipatória, que busca uma (re)configuração ecológica das práticas de ensino-aprendizagem. Desenhar uma educação artística, em tempo de dúvidas, é ter em consideração, nomeadamente:

1– A arte e a sociedade atual, criando pontes entre a escola, as obras, os artistas e a realidade, abrindo portas para novos sentidos da vida contemporânea e para uma consciência do mundo em que vivemos. É “Criar um currículo rizomático e permeável, verdadeiramente apto para responder ao mundo real.”(Eça, 2010, p.137);

2– Uma pedagogia crítica, que promova o questionamento, o pensamento liberal, preparando os indivíduos para enfrentar novos desafios com um olhar inovador. Uma pedagogia que estimule, que motive a participação ativa das crianças, permitindo-lhes dar “respostas pessoais e de grupo a questionamentos concretos que se suscitam na comunidade e no mundo e que podem ser compreendidos, discutidos e respondidos a partir das linguagens únicas das artes.” (Eça, 2010, p.142);

3– A singularidade da criança através da sua individualidade e das experiências pessoais, atribuindo-lhe diferentes papéis e funções na exploração de um determinado conteúdo ou tema, promovendo climas de maior intimidade, levando as crianças a “refletirem, pensarem ou teorizarem sobre o que é verdade,

sobre as suas crenças, sobre a sua realidade, convertendo a prática educativa numa ferramenta poderosa que conduz ao conhecimento crítico.” (Oliveira, 2017, p. 26);

4– A comunicação como oportunidade expressão verbal e não-verbal através de diferentes manifestações artísticas que permitam à criança “expressar, comunicar, representar e compreender o mundo” (Silva, Marques, Mata, Rosa, 2016, p. 6), fazendo-a participar no processo criativo;

5– A criatividade e a inovação, competências fundamentais para as crianças se relacionarem com o mundo atual, com os novos desafios, gerarem ideias originais e úteis e solucionar os problemas do dia-a-dia (Hernández, 1998);

6– A inclusão de recursos digitais na prática artística, quer como ferramentas de aprendizagem que permitem aceder a sítios que dispõem de guias virtuais a museus, a bibliotecas digitais ou a coleções de arte *online* com atividades didáticas, quer na produção de atividades artísticas. Como afirma, Costa (2020) “levaremos desta pandemia novas técnicas e meios” (p.6) como recursos importantes no ensino-aprendizagem. De destacar, por exemplo, as inúmeras possibilidades do *smartphone*: ele transforma-se em livro, dicionário, enciclopédia, biblioteca, câmara fotográfica, câmara de vídeo, museu, instrumento de comunicação, etc. (Alves, 2020)

Estes e outros aspetos fazem com que a educação artística se converta num argumento educativo, com “um papel claramente assumido na sociedade, inspirando mudanças e melhorias sociais” (Huerta, 2019, p. 89).

2. A voz das crianças na arquitetura educativa em tempo de pandemia

Face à informação desenfreada e às constantes mudanças que se fizeram e se fazem sentir em virtude da Covid-19, vivemos um tempo de apreensão, de incerteza e de medo em relação ao presente e ao futuro. As crianças, fazendo parte da sociedade em que vivemos, são também elas recetoras desta realidade, lendo e interpretando o mundo à sua maneira, e têm vindo a estar sujeitas a novas rotinas, novas regras, que impactam na sua forma de ser e estar e que não sabemos como estão a ser por elas processadas e que consequências podem estar a ter nas suas vidas. Daí ter surgido a importância de auscultar as crianças em idade pré-escolar sobre a situação vivida atualmente tentando perceber quais as suas perceções sobre a pandemia.

Partindo do pressuposto que as crianças são atores sociais pois participam como cidadãos na vida da família, da escola, da sociedade, elas tornam-se assim agentes “ativas na produção de um mundo social que lhes é próprio, isto é, produtoras de cultura. Para solidificar e ampliar esse entendimento, cria-se a necessidade de dar voz às crianças.” (Müller & Hassen, p.470). Este aspeto torna-se ainda mais claro quando a “Convenção sobre os Direitos da Criança” (Unicef,2004), que foi adotada pela Assembleia-Geral das Nações Unidas a 20 de novembro de 1989, aponta a importância de ouvir a opinião da criança sobre os assuntos que lhe digam respeito (artigo 12), bem como lhes atribui o direito e liberdade de expressão (artigo 13). Valorizar a voz das

crianças é assumir, como afirma Ferreira e Sarmiento (2008), que elas são “seres dotados de inteligência, capazes de produzir sentido e com o direito de se apresentarem como sujeitos de conhecimento.” (p. 79). Para tal, entendemos que a educação artística, através das suas diferentes formas expressivas, verbal e não-verbal, permite à criança comunicar através de linguagens ricas e estimulantes, observando, experimentando, questionando e construindo sentidos sobre si própria e sobre a sociedade e assim contribuir para a formação de um pensamento mais elaborado e mais crítico sobre as questões/problemas atuais, que lhes possibilitam a tomada de decisões mais adequadas e escolhas mais justas, tornando-se atores e autores do seu próprio futuro.

O que se pretendeu neste projeto foi compreender quais as perceções das crianças em idade pré-escolar sobre a pandemia e aproveitar para esclarecer dúvidas e derrubar ansiedades desnecessárias e preocupações exageradas, elucidando-as sobre a realidade da situação. Para tal foi proposto um conjunto de experiências relacionadas com a educação artística, que potenciasses a expressão/comunicação das crianças, fomentando o desenvolvimento e a aprendizagem de atitudes através da relação e compreensão do mundo. O projeto foi desenhado tendo por base a criança como protagonista da sua aprendizagem, encorajando-a a pensar, a agir, a ter opinião e a fazer escolhas sobre um assunto atual que envolve o mundo inteiro. Através de uma pedagogia libertadora, afetiva, dialógica e reflexiva (Paulo Freire, 1996), fomentou-se e estimulou-se a pesquisa, a utilização de recursos digitais, o pensamento crítico da criança, indo ao encontro da

construção da sua identidade pessoal e coletiva alicerçada na cognição e na produção artística. Este projeto pretendeu criar um verdadeiro espaço de participação infantil que possibilitasse, em simultâneo, uma inserção social das crianças e o acesso aos seus direitos de cidadania e de participação ativa.

3. Método

O estudo realizado assenta nos pressupostos da investigação qualitativa (Bogdan e Biklen, 1994) que envolve uma abordagem naturalista e interpretativa (Denzin & Lincoln, 2011). Com esta investigação pretendeu-se ir ao encontro da realidade tal como ela foi experienciada pelos seus atores, analisando-a na sua especificidade, a partir do que pensam e de como agem (os seus valores, representações, opiniões, atitudes, hábitos), na tentativa de ilustrar as situações e as experiências dos sujeitos nos seus contextos particulares. Definiu-se, enquanto objetivo geral, compreender as perceções das crianças em idade pré-escolar sobre a Covid-19 através da educação artística.

3.1. Participantes

A amostra é composta por 100 crianças que frequentam 10 instituições de educação pré-escolar no concelho do Porto. Da amostra recolhida, 60% das instituições são privadas e 40% públicas. 80% das crianças são do sexo feminino e 20% do sexo masculino. As suas idades oscilam entre os 5 (90%) e os 6 anos (10%).

3.2. Instrumentos

Mobilizaram-se diferentes procedimentos de recolha de informação: a observação-participante em contexto, as narrativas visuais efetuadas pelas crianças e os diálogos que se estabeleceram com as mesmas.

A opção metodológica pela observação de tipo participante permitiu o contacto direto entre a investigadora e o fenómeno observado para se conseguir informações sobre a realidade dos participantes nos seus contextos de forma “não intrusiva” e de modo a reduzir a variabilidade residual, nomeadamente, a repressão de emoções extravasadas ou comportamentos efetuados, bem como a artificialidade dos mesmos.

Esta investigação foi complementada com as narrativas visuais produzidas pelas crianças no sentido de se apurar o entendimento da problemática em análise sob diversas perspetivas. Segundo (Banks, 2007) as imagens fazem parte da vida e, por essa razão, toda a representação visual deve potencialmente ser considerada em estudos científicos sobre a sociedade. Este autor afirma também que um estudo que utilize dados visuais pode ser revelador de novas perspetivas sociológicas que não estão acessíveis através da utilização de outro tipo de dados. É importante sublinhar que o interesse investigativo sobre as narrativas visuais recaiu na “simbologia e nas mensagens que estão ligadas às linguagens artísticas e não a estética destas.” (Bédard, 2005, p. 8). Neste caso as narrativas visuais constituíram-se como parte do “corpus” do trabalho, entendida numa ótica de complementaridade com o diálogo.

Em relação ao diálogo, o que se pretendeu foi que as crianças apresentassem os seus trabalhos aos colegas, identificando o que fizeram, explicitando a mensagem através do reconhecimento dos diferentes elementos icónicos trabalhados para “não se entrar em interpretações ingénuas, sem ter em conta outras fontes de informação.” (Oliveira, 2002, p. 28).

3.3. Procedimento

A implementação do projeto sobre a Covid-19 foi realizada entre o dia 18 de julho e 15 de agosto de 2020. Antes de se iniciar o projeto foi solicitado à direção de cada instituição e aos pais das crianças permissão para poder registar todo o trabalho desenvolvido por elas. Por questões éticas e morais, salvaguardou-se a confidencialidade, garantindo o anonimato das instituições, bem como das educadoras e das crianças que estiveram presentes no decurso da investigação.

Foi solicitado às crianças, mediante o diálogo previamente estabelecido com a investigadora sobre a Covid-19, que realizassem uma narrativa visual onde retratassem a forma como elas estavam a viver a pandemia. Às crianças foi dada a possibilidade de utilizarem os materiais que entendessem e foi-lhes concedido o tempo necessário para a concretização do pedido. Após a concretização da narrativa visual a investigadora pediu a cada criança que apresentasse o seu trabalho a todos os colegas.

Durante a implementação das tarefas foram registadas em vídeo todas as interações que as crianças estabeleceram entre si, com a educadora e com a investigadora, as verbalizações efetua-

das, as motivações e os interesses, assim como as reflexões pessoais. Posteriormente, procedeu-se à análise de conteúdo, retomando os objetivos da investigação para a análise e discussão dos dados recolhidos, com vista à apresentação das principais conclusões do estudo.

4. Análise de Dados

Não sendo possível apresentar de forma detalhada a análise de todos os dados que advieram da observação participante, centramos a nossa atenção nas narrativas visuais e no diálogo que as crianças estabeleceram com os colegas para apresentar o seu trabalho. Para tal foi elaborada uma análise de conteúdo que seguiu três etapas básicas: a pré-análise, a descrição analítica e interpretação inferencial (Bardin, 1998). No decurso da pré-análise foi efetuada uma leitura flutuante das narrativas visuais das crianças, essencialmente intuitiva e permeável a um elevado número de ideias, reflexões e hipóteses explicativas e determinou-se o “corpus” da investigação a realizar. As narrativas visuais foram submetidas a uma análise sistemática, separadamente e de modo conjunto, com a finalidade de configurar as suas partes em unidades de registo. O mesmo foi feito com as transcrições dos diálogos que as crianças estabeleceram sobre a sua narrativa visual.

Da análise dos dados destacam-se três temas: 1) Identificação do coronavírus; 2) As reações à pandemia; 3) Soluções para resolver a pandemia.

Na segunda fase, a descrição analítica, o “corpus” do trabalho foi submetido a um estudo aprofundado, orientado pelo objetivo do trabalho. A leitura dos elementos presentes nos desenhos,

bem como a sua verbalização por parte das crianças, permitiu delinear categorias, subcategorias e descritores fundamentados pelos temas-chave como se pode ver na tabela I. Estes aspetos são de seguida apresentados e ilustrados com alguns trabalhos das crianças e com excertos de diálogos exemplificativos devidamente anonimizados.

Por fim, na discussão de resultados, unificaram-se as análises e organizaram-se as informações, visando compreender as perceções das crianças sobre a Covid-19.

Temas	Universo de crianças	Categorias	%	Subcategorias	Descritores	Nº narrativas visuais
Identificação do Corona vírus	100	Aspeto físico	100%	Caraterísticas	Redondo	100
					Colorido	90
					Pequeno	95
					Com picos nas pontas	85
		Comportamento	90%	Agressividade	Pessoas assustadas	50
				Violação de normas	Virus na escola	25
		Origem	10%		País	China
				Caraterísticas físicas	Olhos pequenos e alongados	4
Reação à pandemia	100	Emoções negativas	80%	Tristeza	Afastamento de familiares e amigos	40
					Novas regras	10
				Medo	Virus	20
					Pessoas no hospital	10
		Emoções positivas	20%	Alegria	Brincar com a família	15
					Exploração de meios tecnológicos	5
Soluções para resolver a pandemia	100	Estratégias	100%	Eliminar o vírus	Máquinas inventadas	40
					Armadilhas (já existentes)	30
				Tratar os doentes	Invenção de medicamentos	20
					Equipamentos de proteção	10

Tabela 1 – Temas, categorias, subcategorias e descritores

5. Resultados

Apresentam-se de seguida os resultados da análise efetuada às narrativas visuais e aos diálogos das crianças. Foram três os temas encontrados: 1) a identificação do coronavírus; 2) as reações à pandemia e as 3) soluções para resolver a pandemia. Quanto ao primeiro tema, identificação do coronavírus, ele compreende os conhecimentos que as crianças têm sobre o vírus. Podemos perceber das suas narrativas visuais que todas as 100 crianças apresentam o vírus através do seu aspeto físico como sendo uma criatura redonda; 95% apresentam-no pequeno; 90% apresentam-no colorido e 85% com picos nas pontas (fig. I). Estes aspetos iconográficos são corroborados na seguinte afirmação: “ele é redondo, muito pequeno, colorido e tem picos (...)”

Já 90% das crianças representam-no através do seu comportamento, ora através de uma postura agressiva (56%), ora como uma criatura que viola as normas pré-estabelecidas (44%).

Relativamente ao seu comportamento agressivo, ele envolve geralmente ações destinadas a assustar, meter medo e atacar fisicamente. 50 narrativas visuais mostram pessoas assustadas a gritar e, por isso, têm a boca aberta e os braços levantados a pedir socorro (fig. II). Estes dados, são verbalizados através de alguns testemunhos: “As pessoas gritam para chamar alguém que as ajude.”; “as pessoas pedem socorro”; “[...] até os adultos, que são grandes, têm medo dele!”.

Quanto à violação das normas, ela é representada em 40 narrativas visuais em que 25 delas representam o vírus na escola e 15 o vírus no parque infantil (fig. III) como ilustram os comen-

tários: “Não podemos ir à escola, pode lá estar o vírus. Mas ele não é de lá.”; “o vírus está no parque infantil e por isso fecharam-no, mas ele é só para crianças e não para vírus.”

Ainda podemos observar que 10% das representações visuais infantis fazem referência à sua origem, através da representação do país, 6 narrativas visuais, (fig. IV) e 4 narrativas visuais representam o vírus com olhos pequenos e alongados, característica das pessoas asiáticas: “o coronavírus veio de longe, da China.”; “ele é parecido com os chineses, tem olhinhos pequenos.”



Figura 1 – Os Coronavírus



Figura 2 – Coronavírus a assustar as pessoas

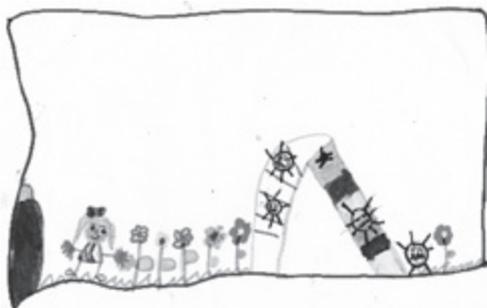


Figura 3 – O vírus no parque infantil



Figura 4 – O mapa (trajeto do coronavírus da china até Portugal)

No que diz respeito ao segundo tema, as reações à pandemia, este refere-se às emoções relatadas pelas crianças no atual contexto da Covid-19, suscitando dois tipos de emoções: as emoções negativas e emoções positivas (Moreira, 2010).

No que concerne às emoções negativas, das crianças evidenciam nas suas narrativas visuais a tristeza e o medo. A tristeza pode ver-se em 50 trabalhos realizados pelas crianças, das quais 40 referem-se ao afastamento de familiares e amigos e 10 dos trabalhos mostram a tristeza expressa no cumprimento de novas tarefas de higiene que se prenderam com as diretrizes sanitárias e que (na perspetiva delas) retiraram tempo para brincar. Vários são os testemunhos das

crianças neste sentido: “sinto a falta da minha avó, dos meus tios e primos.” (fig. V); “queria ir brincar com as minhas amigas.”; “Tenho saudades da minha professora”; “Não pude ir ao parque infantil.”; “sinto falta da minha escola.” (fig.VI); “tive de estar mais tempo a lavar as mãos e não pude brincar mais”.

Quanto ao medo, podemos ver em 20 narrativas visuais a imagem do vírus com a boca aberta e com sobrancelhas grossas, com ar de mau, e em 10 narrativas visuais pessoas no hospital (fig. VII). Para comprovar esta reação surgem alguns testemunhos: “o vírus pode matar pessoas ou pô-las no hospital.”; “este vírus é feio e muito perigoso”.

Já 20% das produções artísticas, por outro lado, mostram-nos que o coronavírus lhes trouxe emoções positivas, deixando-as alegres. 15 narrativas visuais mostram as crianças a brincar com a família em casa (fig. VIII) e 5 representam-se a brincar explorando diferentes meios tecnológicos. Para tal, apresentam-se alguns excertos dos seus diálogos: “eu pude brincar mais com os meus pais.”; “eu trabalhei no computador e falei com os amigos por telemóvel”; “fiz vídeos com o Tic-toc”.



Figura 5 – Saudades da minha avó



Figura 6 – Saudades da escola



Figura 7 – As pessoas doentes no hospital



Figura 8 – Eu a brincar com os meus pais

No que concerne às soluções para resolver a pandemia, este tema concentra o interesse das crianças em encontrar soluções para ajudar a resolver a pandemia. Todos mostraram que gostavam que a pandemia terminasse e tudo pudesse voltar ao normal e, por essa razão, apresentaram diversas estratégias para eliminar o vírus, quer através de máquinas inventadas, (40 narrativas visuais) (fig. IX), quer através de armadilhas (30 narrativas visuais), nomeadamente, gaiolas, prisões, contentores do lixo, entre outras (fig. X). Estes aspetos encontram-se presentes nos testemunhos das crianças: “vou arranjar máquinas especiais para apanhar o coronavírus.”; “é preciso prender o vírus numa gaiola.”; “atraí-lo com pedaços de bolacha e fechá-lo num contentor do lixo.”

Um outro aspeto salientado nas narrativas visuais das crianças e nos diálogos prendeu-se com o interesse em tratar os doentes. 20 narrativas visuais mostram a invenção de medicamentos como foi o caso de seringas gigantes (fig. XI) e 10 narrativas visuais evidenciam equipamentos de proteção para as pessoas, como frascos de gel, máscaras e viseiras (fig. XII), como comprovam alguns dos testemunhos apresentados: “temos de inventar uma vacina gigante que mate o vírus e ao mesmo tempo salve as pessoas.”; “os adultos têm de obedecer às regras e andar com máscaras, viseiras e colocar gel nas mãos”.

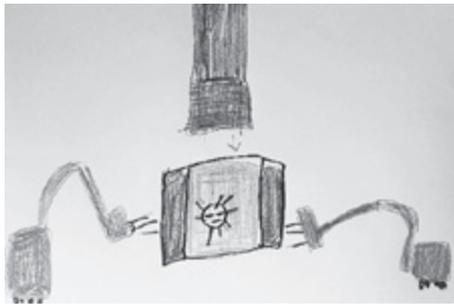


Figura 9 – Máquina para aspirar o vírus



Figura 10 – Armadilha: Pedacos de bolacha para atrair o vírus



Figura 11 – Uma vacina gigante

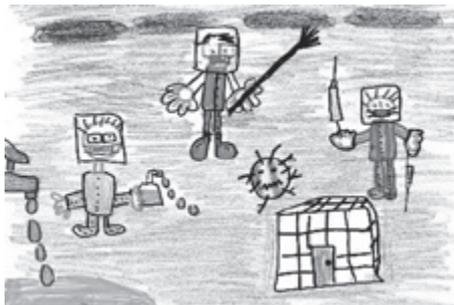


Figura 12 – O gel, as viseiras, as vacinas

6. Considerações finais

A Educação artística neste projeto permitiu cartografar um conjunto de narrativas visuais que as crianças foram encontrando, pensando e refletindo, advindas da leitura que elas fizeram da Covid-19, permitindo-lhes explorar o seu tempo e o seu espaço através das imagens, de forma culturalmente contextualizada.

O desafio colocado às crianças foi recebido com elevados níveis de motivação e interesse, suscitaram questões e alguns dilemas que foram esclarecidos no decorrer do projeto. As crianças apresentaram-se particularmente preocupadas com as consequências que a Covid-19 trouxe às suas vidas e às dos seus familiares e amigos. As percepções das crianças sobre a Covid-19 evidenciam 3 aspetos fundamentais:

1) O conhecimento sobre a pandemia que advem de aspetos reais e factuais que tiveram por base as informações veiculadas pela comunicação social, nomeadamente no que concerne à identificação do coronavírus pelo seu aspeto físico, pelo seu comportamento e origem, bem como no conhecimento das regras sanitárias para proteção de todos. Nota-se que as suas narrativas foram orientadas por uma visão onde os conhecimentos por elas construídos surgiram de experiências que viveram no seu ambiente (Joannaert & Borght, 2002, p. 27) e que foram generalizadas na sociedade nomeadamente pelos órgãos de comunicação e informação.

2) A expressão de emoções já que as crianças puderam exprimir as suas angústias, medos e alegrias em relação à Covid-19, refletindo sobre

o impacto que teve nas suas vidas, quer através do diálogo, quer através da linguagem artística. A partir das narrativas das crianças foi possível verificar que a pandemia lhes modificou as suas rotinas, que “o desenvolvimento da criança foi afetado pelo meio social, pelas relações que se estabelece entre os indivíduos.” (Almeida, 1999, p.63).

As emoções negativas, como a tristeza e o medo, expressas pela maioria das crianças, surgiram perante uma ameaça ao seu equilíbrio: o contexto de pandemia vivido na atualidade. Estas emoções podem, como afirma Queiroz e Guimarães (2014), ser definidas como “sendo sentimentos de insegurança em relação a uma pessoa, a uma situação ou um objeto.” (p.55).

Quanto às emoções positivas vividas pelas crianças prenderam-se, fundamentalmente, com a alegria de brincarem utilizando sobretudo as tecnologias digitais. O que não confere qualquer estranheza já que elas “crescem familiarizadas com os computadores, a *Internet*, os videojogos, os *tablets* e os telemóveis, usando-as para brincar, aprender e comunicar” (Laranjeiro e Antunes, 2017, p.225). Porém, a falta de acesso a recursos educativos digitais atualizados nos jardins-de-infância levou as crianças a nomear este como um aspeto que as deixou felizes.

3) As soluções que as crianças encontraram para ajudar a resolver a pandemia preconizam várias soluções onde a criatividade e a fantasia se aliaram à realidade. Inventaram máquinas e armadilhas para capturar o vírus e criaram novos fármacos para tratar as pessoas doentes. Esta busca centrada na inovação, na diferença, prende-se com o facto de atualmente ainda não existir

qualquer resposta para esta pandemia. As narrativas visuais e os diálogos ilustram as mudanças que as crianças gostariam de ver acontecer no presente, exercendo um ato de cidadania na medida em que se lhes reconhece a voz “através da qual interpretam e exprimem o mundo.” (Sarmiento, 2012, p.47).

Podemos, assim, afirmar que participação das crianças neste projeto foi sinónimo de partilha de conhecimentos, ideias e emoções sobre a pandemia que, direta e indiretamente, estão a influenciar e afetar a sua vida e o seu bem-estar, derrubando alguns medos exagerados, sensibilizando-as e dando-lhes responsabilidade na construção do bem coletivo.

As narrativas visuais, construídas através de diferentes linguagens artísticas, (colagens, pinturas, desenhos, entre outras), e o diálogo estabelecido com as crianças permitiram-lhes desenvolver uma atitude exploratória que convergiram para a construção de uma cidadania ativa onde as crianças foram chamadas a participar nos assuntos que lhes dizem respeito, sendo-lhes permitido o direito à participação, à expressão e à partilha de opiniões, bem como à tomada de decisões através de uma atitude crítica que se foi construindo.

Podemos, conseqüentemente, afirmar que a educação artística abriu portas ao entendimento da realidade atual e permitiu às crianças acederm a uma leitura do mundo e, assim, poderem desenvolver sentimentos de pertença à comunidade, potenciando mais e melhor a sua participação na sociedade.

Neste projeto encontramos motivos de inspiração para sermos autores e atores da vida e esperança. Almejamos que as perspetivas apre-

sentadas neste trabalho ajudem projetar o futuro no presente, sem esquecer de refletir o presente, para que ele possibilite atuar sobre o futuro.

Referências Bibliográficas

- Almeida, A. (1999). *A emoção na sala de aula*. Campinas: Papyrus.
- Banks, M. (2007). *Using Visual Data in Qualitative Research*. California: Sage Publications, Thousand Oaks, CA.
- Bardin, L. (1998). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bédard, N. (2005). *Como Interpretar os Desenhos das Crianças*. Lisboa: Edições Cetop.
- Bogdan, R.; Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação - uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Costa, J. (2020). Prefácio. In M. Alves; I. Cabral (Eds.) *Ensinar e aprender em tempo de COVID-19: entre o caos e a redenção*. Porto: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa.
- Denzin, N. & Lincoln, Y. (2011). Introduction: The discipline and practice of qualitative research. In N. Denzin, & Y. Lincoln (Eds.), *The sage handbook of qualitative research* (pp. 1-19). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Eça, T. (2010). A educação artística e as Prioridades Educativas no início do Século XXI. *Revista Iberoamericana de Educación*. 52, 127-146.
- Ferreira, M.; Sarmiento, M. (2008). Subjectividade e bem-estar das crianças: (in)visibilidade e voz. *Revista Eletrônica de Educação*, 2(2), 60-91.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Huerta, R. (2019). *Arte para Primaria*. Barcelona: Editorial UOC.
- Joannaert, P. & Borght, C. (2002). *Criar condições para aprender: O socioconstrutivismo na formação do professor*. Porto Alegre: Artemedia Editora.
- Laranjeiro, D.; Antunes, M.; Santos, P. (2017). As tecnologias digitais na aprendizagem das crianças e no envolvimento parental no Jardim de Infância: Estudo exploratório das necessidades das educadoras de infância. *Revista Portuguesa de Educação*, 30(2), 223-248.
- Leontiev, A. (2000). Funções da arte e educação estética. In J. Fróis (Coord.), *Educação estética e artística: abordagens transdisciplinares* (pp.129-149). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Marisa, C. (2020). *Atos de Intimidade: cartografias para uma prática artística*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras.
- Moreira, P. (2010). *Ser Professor: competências básicas 3 – Emoções positivas e regulação emocional*. Porto: Porto Editora.
- Müller, F.; Hassen, M. (2009) A infância pesquisada, *Psicologia USP*, 20 (3), 465-480.
- Oliveira, J. H. (2002). *Psicologia da família*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Oliveira, M. (2016). Arte e Educação: um diálogo em tempo de mudança. *Tear: Revista de Educação Ciência e tecnologia*, 5(2),1-19.
- Oliveira, M. (2017). *A Educação Artística para o desenvolvimento da Cidadania*. Viseu: APECV.
- Queiroz, Z.; Guimarães, J. (2014). O medo em crianças de infâncias diferenciadas, *Revista Intercâmbio*, V., 53-75.
- Sarmiento, Manuel Jacinto (2012), A criança cidadã: vias e encruzilhadas, *Imprópria. Política e pensamento crítico*. *UNIPOP*, 2, 45-49.
- Silva, I.; Marques, L.; Mata, L.; Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE)
- Unicef (2004). A Convenção sobre os Direitos da Criança. Disponível em https://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf

